

## DISCURSO DIRETO E A ONOMATOPÉIA: A MÍMICA VERBAL NA FALA COTIDIANA

Rosália DUTRA<sup>1</sup>

- **RESUMO:** Este artigo examina algumas propriedades funcionais e gramaticais daquilo a que a literatura se tem referido como *linguagem expressiva*. Proponho que sentenças completas, ou conjuntos de sentenças, usados como discurso direto, comumente ocorrem na fala coloquial como linguagem expressiva. Uma comparação com o mais expressivo de todos os enunciados – a onomatopéia – mostra que os discursos diretos compartilham com a linguagem onomatopaica propriedades gramaticais e funcionais similares. Quanto ao tratamento teórico, este estudo pretende levantar a questão da intenção em que a língua pode minimizar seu conteúdo proposicional em favor de uma força mais expressiva. Um exame cuidadoso dessa questão pode realmente mostrar que os aspectos proposicional e expressivo da língua necessariamente interagem como forças igualmente importantes na configuração das línguas naturais.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Onomatopéia; discurso direto; língua oral.

### 1

Um dos objetivos deste trabalho é mostrar que o discurso direto e a onomatopéia não-lexical – isto é, a reprodução de ruídos de vários tipos – são usados na fala cotidiana, mais especificamente em trechos narrativos, como estratégias discursivas responsáveis pela manutenção do fluxo informacional entre seqüências não contíguas no discurso. Essas seqüências podem ocorrer separadas por longos intervalos de texto –

---

<sup>1</sup> English Department – Faculty of Arts and Science – University of North Texas – UNT – 70.203.

como é tipicamente exemplificado pela onomatopéia não-lexical, ou por menores intervalos de texto – como é o caso de algumas seqüências em discurso direto. Ambas as construções funcionam, todavia, como uma estratégia discursiva de longo alcance no texto oral. Isto é, uma estratégia que opera além de várias unidades oracionais, relacionando e estruturando o discurso de maneira específica.

Este trabalho propõe ainda que se considere os enunciados em discurso direto – sejam eles frases, uma oração ou série de orações – linguagem usada especificamente para ressaltar o lado *expressivo* (Lucy, 1993; Bloomfield, 1958) e não o lado proposicional do enunciado. Propõe-se, assim, que o discurso direto faça parte do conjunto de formas – partículas expletivas, exclamativas, marcadores discursivos de vários tipos, vocativos, contornos entoacionais, qualidade de voz etc... – que caracterizam a linguagem em interação.

Os trechos narrativos aqui apresentados, tanto para o português do Brasil como para o inglês americano, foram retirados de gravações espontâneas, em áudiocassete, de conversação entre duas ou mais pessoas. O uso de exemplos em duas línguas distintas busca mostrar ainda que o fenômeno aqui descrito não se restringe a determinadas línguas como o português ou o inglês, mas ocorre, na realidade, em várias outras línguas (Lucy, 1993).

## 2

O uso constante do discurso direto na fala cotidiana – isto é, o fato de se estar aparentemente repetindo *ipsis litteris* as palavras de uma outra pessoa para relatar um certo acontecimento – tem levado pesquisadores a concluir que o discurso direto, em oposição ao discurso indireto, é usado de uma maneira geral para tornar mais “real”, mais “vivo”, mais “presente” o acontecido. Em outras palavras, o discurso direto é utilizado para imitar, reproduzir ou demonstrar, e não para descrever (Clark & Gerrig, 1990); para tornar a fala mais efusiva, mais dramática, promovendo, conseqüentemente, maior envolvimento entre os interlocutores (Tannen, 1989; Mayes, 1990); para enriquecer o texto com uma sucessão de vozes distintas (Volosinov, 1973); para apresentar o discurso do ponto de vista do ato a ser relatado, e não do ponto de vista do relato em andamento (Lucy, 1993, p.9-32, 91-125). Outros trabalhos revelam ainda que a informação codificada em discurso direto é tida, em relatos policiais

e tribunais de justiça, por exemplo, como informação mais fidedigna, mais confiável, funcionando como uma espécie de evidência, que requer, portanto, dos jurados, juiz e advogados, atenção especial (Philips, 1986; Mayes, 1990). Em suma, no contexto do resto da fala, o discurso direto se apresenta como uma seqüência bastante marcada, que se sobressai do resto do discurso.

Ligado a esse aspecto marcante do discurso direto está o fato de essa construção ser usada especialmente para ressaltar o lado *expressivo*, em oposição ao lado *proposicional*, da Linguagem, ou seja, aquelas formas e funções do enunciado em questão que não podem ser lexicalizadas (Lucy, 1993; Banfield, 1973). Assim Lucy (1993, p.91-125), por exemplo, observa que em yucatec, língua maia falada no sudeste do México, o discurso direto é usado para codificar certos elementos expletivos, imperativos e diferenças dialetais. Adicionam-se ainda a essa lista expressões formulaicas, contornos entoacionais, qualidade de voz, tempo e ritmo do enunciado, vários tipos de marcadores discursivos que ocorrem tanto no início como no final da citação, bem como certas construções sintáticas que não podem ser convertidas para o discurso indireto sem que se perca parte significativa da mensagem. Dessa forma, o discurso direto também é acionado para codificar aspectos da comunicação que não possuem tradução efetiva correspondente na linguagem proposicional.<sup>2</sup> Resumindo, a ocorrência dessa construção no discurso resulta da necessidade de se fazer que a mensagem pareça corresponder o mais exatamente possível ao que o falante apresenta como sendo o original,<sup>3</sup> tanto por questões funcionais ligadas ao papel do enunciado no discurso quanto por questões ligadas à impossibilidade de se codificar de outra forma certos aspectos expressivos da linguagem em interação.

A Tabela 1 apresenta um resumo das funções normalmente atribuídas a essa construção:<sup>4</sup>

---

2 Ver discussão apresentada em §3 a seguir.

3 Note-se que o discurso direto não é tanto uma "citação", mas freqüentemente uma "construção" do discurso pelo falante. Por exemplo, o discurso direto é usado freqüentemente para indicar a fala de terceiros (ou do próprio falante) em situações imaginárias, para indicar fatos ocorridos não só no passado, mas também no presente ou no futuro. O discurso direto ocorre ainda na construção de diálogos fictícios envolvendo, por exemplo, animais ou bebês, bem como na descrição de comportamentos não-verbais, como certas reações inesperadas ou exageradas (Tannen, 1989, cap.4).

4 Ver Chafe (1994) para uma ênfase mais cognitiva do fenômeno.

(1)

Tabela 1 – Funções atribuídas ao Discurso Direto em oposição ao Discurso Indireto

Discurso direto	Discurso indireto
Tornar o discurso mais “real”, mais “vivo”	Fornecer informação de suporte
Imitar, reproduzir ou demonstrar	Descrever
Emprestar dramaticidade ao relato	---
Promover maior envolvimento	Promover menor ou não-envolvimento
Polifonia ou sucessão de vozes distintas	Monofonia
Codificar aspectos expressivos da língua	Codificar aspectos proposicionais (isto é, referenciais e predicacionais)
Objetivo/evidenciável	Subjetivo/não evidenciável

Neste trabalho, procuro, no entanto, ressaltar a função coesiva dessa construção na fala cotidiana, argumentando que, tanto o discurso direto como a onomatopéia não-lexical – isto é, seqüências usadas como verbos de ação (por exemplo, “tibum” “mergulhar ou cair dentro d’água”, “creque” quebrar ou partir, “fuuuu” “soprar” etc.) – são estratégias discursivas usadas para direcionar a atenção do ouvinte para certos trechos do discurso. A esse respeito Lucy (1993, p.91-125) observa que o discurso direto é usado em yucatec para “marcar os elementos importantes do enredo e os temas principais da narrativa como um todo”.<sup>5</sup> Em conseqüência, trechos assim marcados passam a constituir uma unidade discursiva, o que por sua vez permite a manutenção do fluxo informacional entre partes não adjacentes no discurso.

Outras estratégias discursivas de manutenção do fluxo informacional podem ser observadas no âmbito interoracional, por exemplo, quando sintagmas nominais plenos são sistematicamente codificados em certas funções sintáticas, dependendo do papel que virão a desempenhar no resto da fala. As funções de sujeito e objeto, por exemplo, são reservadas a sintagmas nominais ligados, respectivamente, à manutenção ou à introdução de informação no discurso. Da mesma forma, no âmbito oracional, a necessidade de se atribuir a um novo sintagma nominal a função de tópico da oração produz sistematicamente a ocorrência de construções sintáticas, tais como deslocamento para a esquerda,

5 No original “to mark the crucial elements of the plot and the key themes of the narrative as a whole” (Lucy, 1993, p.116).

topicalização e passivização. Partindo, portanto, do princípio de que o discurso direto se apresenta como uma seqüência bastante marcada, responsável pela manutenção do fluxo informacional entre trechos não-contíguos, gostaria de propor a seguinte estratégia discursiva:

- (2) O Discurso Direto (doravante DD) é usado para marcar certas seqüências, geralmente não contíguas, criando uma relação específica de dependência ou complementação entre trechos assim codificados no discurso.

Perguntas e respostas, por exemplo, formam pares complementares ou dependentes. Declarações ou afirmações inesperadas ou surpreendentes que pressupõem uma certa reação do interlocutor se caracterizam, também, como seqüências dependentes ou complementares. Dessa forma, se uma pergunta se apresenta no texto em DD, a eventual resposta a essa pergunta será também codificada em DD. Se uma afirmação inesperada ou surpreendente for codificada em DD, as alterações que se seguem em decorrência dessa afirmação serão igualmente codificadas em DD. A noção de dependência entre partes de um texto será retomada mais adiante, no contexto dos exemplos a serem apresentados. Antes, porém, é necessário examinar a onomatopéia e, em seguida, mostrar que além de desempenharem funções paralelas no discurso, gramaticalmente também essas duas construções apresentam comportamento bastante semelhante.

### 3

Entende-se por *onomatopéia* o conjunto de palavras cuja pronúncia pretende imitar o som natural dos ruídos produzidos por seres animais ou não.<sup>6</sup> Sob esse rótulo encontram-se normalmente itens lexicais que refletem vários estágios do processo de lexicalização: itens como “latir”, “tique-taque”, “tíbum”, “au au” e “pum”.

A riqueza e a complexidade desse fenômeno ainda muito pouco estudado são tais que, mesmo aqueles que se ocuparam desse estudo ainda que superficialmente, como Bloomfield (1958), por exemplo, foram levados a propor uma distinção *entre formas imitativas* ou *onomatopai-*

---

6 Assim, o Novo dicionário da língua portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira define onomatopéia como “Palavra cuja pronúncia imita o som natural da coisa significada (murmúrio, sussurro, ciclo, chiado, mugir, pum, reco-reco, tique-taque...)”.

cas – em português, seqüências como “miau”, “au au”, “có corio có”; e formas simbólicas – seqüências como “zumbido”, “sussurro”, “chacoalhar” etc.<sup>7</sup> Segundo Bloomfield, formas simbólicas se distinguem de itens lexicais comuns à medida que dão a impressão de “ilustrar o significado da palavra de maneira mais imediata”.<sup>8</sup> Por outro lado, formas onomatopaicas não significam, mas tipicamente denotam um som ou objeto. Ambas as formas fazem parte de um conjunto maior que Bloomfield denominou de *formas intensivas*.

O contínuo existente entre, de um lado, itens lexicais de origem onomatopaica, os chamados verbos ou vozes imitativas (Almeida, 1964; Cegalla, 1980, tais como “gargare”, “sussurrar”, “chacoalhar” e, de outro, seqüências onomatopaicas como “pum”, “tibum”, “creque” etc. é discutido por Du Bois (1986), para o inglês, num estudo extremamente interessante sobre a semiótica de “cartoons” ou tirinhas e revistas em quadrinhos. Nesse trabalho, Du Bois levanta questões interessantes sobre a natureza de certos fenômenos lingüísticos ao observar como cartunistas manipulam a linguagem em dois espaços cognitivos diferentes: o espaço dentro e o espaço fora do balão.<sup>9</sup>

Dentro do balão é onde se registra a interação verbal cotidiana, dialógica, convencional, gramatical. Nesse âmbito, Du Bois observa, a linguagem se, caracteriza por unidades discretas, finitas, não-reduplicadas, atribuíveis a seres “humanos, portanto volitiva, proposicional, social e locutória. Por outro lado, fora do balão estamos no âmbito da ação ou interação não-verbal: seqüências representando vários tipos de sons, ruídos e vibrações. Algumas já padronizadas, como “zzzz” para indicar uma pessoa ou animal dormindo, outras bastante específicas, como o barulho de uma espada cortando o ar – zzzwhit, outras ainda formadas por linhas em zigue-zague e/ou estrelas, indicando normalmente dor, impacto, vibração ou velocidade. Em suma, tipicamente, fora do balão encontram-se seqüências não-lexicais, parcialmente ou totalmente reduplicadas (por exemplo, “toc toc”, “plim plim”), contínuas (por exemplo “zzzz”, “pliiim”), normalmente de origem não-humana, portanto

---

7 Os exemplos citados por Bloomfield para o inglês incluem, como formas onomatopaicas, *coo-doodle-doo* (cócorio có), *meow* (miau), e *baa* (bêee), e como formas simbólicas *bump* (encontrar alguém ou algo repentinamente) *bang whack, thwack* (ir de encontro ou bater em algo ou alguém produzindo um certo ruído forte).

8 No original: “*have a connotation of somehow illustrating the meaning more immediately than do ordinary speech forms*” (Bloomfield, 1958, p.156).

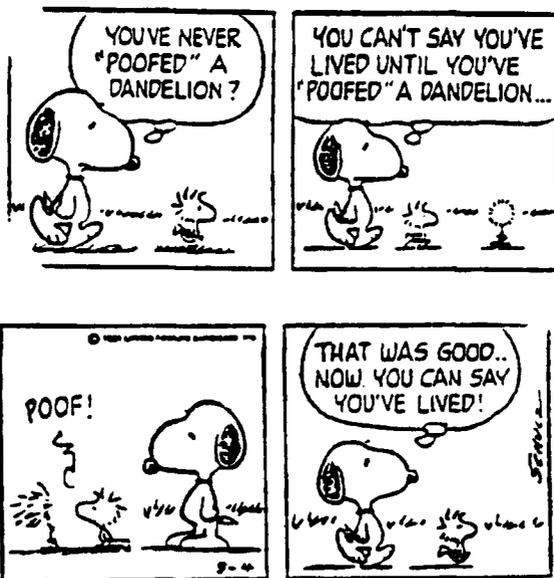
9 Du Bois discute ainda vários outros aspectos da semiótica de histórias em quadrinhos, tais como aspectos representacionais ligados ao tamanho, forma, cor, configuração, graus de simbolismo sonoro etc. das seqüências dentro e fora do balão. Neste trabalho, atendo-me unicamente aos aspectos estruturais e funcionais do fenômeno como por ele apresentados.

não-volitivas, objetivas (isto é “reais”), pois localizadas no mundo físico e não locutórias.

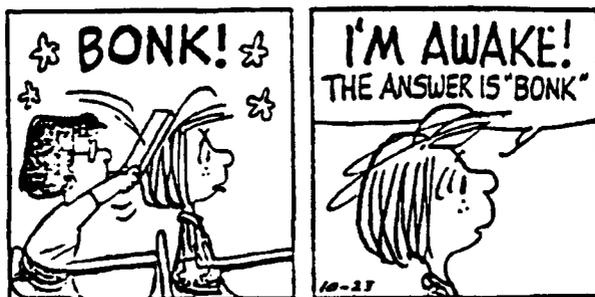
Encontra-se ainda fora do balão uma série de palavras possíveis, que se ajustam ao sistema fonológico da língua, mas que geralmente ainda não se encontram registradas nos dicionários (por exemplo, “creque”, barulho ao pisar em alguma coisa que se quebra ou range). O inglês, particularmente, é uma língua bastante rica nesse aspecto, com uma tendência a transformar seqüências onomatopaicas em verbos de ação regulares. Alguns dos exemplos citados por Du Bois para o inglês incluem “bonk” (barulho amortecido de alguma coisa em choque com outra), “boing” (barulho de alguma coisa em choque com outra, indicando certa vibração ou continuidade), “vap” (barulho de alguma coisa em choque com outra sobre uma superfície plana), “splop” (barulho de algo caindo em líquido, ou barulho de algo que, ao cair, se espalha), “thunk” (barulho amortecido de coisas maiores em choque umas com as outras) etc. O estado semilexical dessas onomatopéias pode ser observado ainda na falta de uniformidade dos julgamentos que falantes nativos geralmente apresentam com relação a essas e outras seqüências semelhantes: o que constitui palavra para uns, não constitui palavra para outros. Conseqüentemente, esses falantes apresentam julgamentos diferentes quanto ao fato de essas seqüências constituírem, ou não, entradas lexicais em dicionários da língua. Mesmo aqueles que afirmam que “bonk”, por exemplo, é uma palavra, não conseguem afirmar com a mesma certeza se essa palavra já se encontra registrada nos dicionários ou não.

As várias características atribuídas às seqüências dentro e fora do balão podem ser apreciadas mais nitidamente quando o que ocorre dentro é usado fora do balão, e o que ocorre fora é usado dentro do balão. Nesses casos, o que se observa é que a linguagem cotidiana, ao ocorrer fora do balão, passa a nomear ações, adquirindo características tipicamente atribuídas a seqüências onomatopaicas. Seqüências onomatopaicas, por sua vez, ao ocorrerem dentro do balão, se ajustam, em vários graus de integração, ao sistema lingüístico, exibindo comportamento gramatical característico da categoria lexical ou do sintagma em que são incorporadas. Pode-se observar, ainda, segundo os exemplos de Du Bois para o inglês, que as seqüências onomatopaicas com maior chance de ocorrerem dentro do balão são aquelas que constituem palavras possíveis na língua. Seguem-se dois exemplos desse último fenômeno para o inglês, conforme apresentados em Du Bois (1986), ilustrando a ocorrência das seqüências “*poof*” (soprar com certa intensidade) e “*bork*” (barulho amortecido de alguma coisa em choque com outra) dentro e fora do balão na mesma tirinha:

(3)



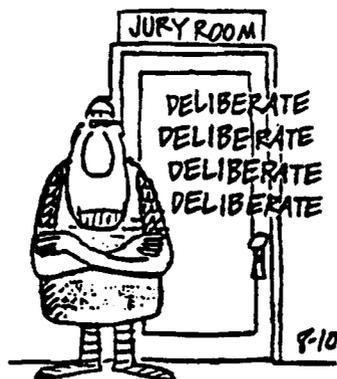
(4)



Dentro do balão acima, as onomatopéias “poof” (soprar com certa intensidade) e “bonk” (barulho amortecido de alguma coisa em choque com outra) ocorrem, em (3), como verbo principal de um tempo verbal composto, com flexão típica de verbos regulares em inglês e, em (4) como complemento do verbo de ligação “be/is” (ser/é).

Freqüentemente também encontram-se fora do balão itens lexicais convencionais, como nos exemplos (5) e (6) a seguir. (Observe-se que, quanto menos onomatopaica é a origem do item lexical, maior é o efeito humorístico).

(5)



(6)



Ao serem usados fora do balão, os itens lexicais dos exemplos acima – “deliberate” (deliberar), em (5), e “cook” (cozinhar), “stir” (mexer panela), “grease” (untar), “stew” (cozer), “peel” (descascar), “bake” (assar), “sauté” (refogar) e “sizzle” (fritar), em (6) – adquirem automática-

mente as características associadas a seqüências onomatopaicas: tomam-se “extra” gramaticais, ou seja, incapazes de exibir suas propriedades lingüísticas convencionais. Por exemplo, a perda da flexão e da possibilidade de se juntarem a outras formas verbais para indicar duração, continuidade ou simultaneidade da ação é suprida nos quadrinhos pela reduplicação do item lexical, e/ou pela variação gráfica atribuída à configuração das letras. Assim, em (5), a reduplicação de “deliberate” (deliberar) indica duração, e, em (6), cabe à disposição e à configuração dos itens lexicais indicar simultaneidade. Nesses exemplos, as palavras são usadas para demonstrar uma ação, em vez de significá-la. A Tabela 2 abaixo apresenta um resumo das propriedades exibidas por seqüências dentro e fora do balão, segundo Du Bois (1986):

(7)

Tabela 2 – Propriedades exibidas por seqüências dentro e fora do balão

	Fora do balão	Dentro do balão
Estrutural	extragramatical (inerte)	gramatical (combinatória)
	não-lexical (criativa)	lexical (convencional)
	contínua	discreta
	sem limites	finita
	reduplicável	não-reduplicável
Funcional	linguagem não-verbal	linguagem verbal
	natural	cultural
	não-humana	humana
	objetiva	ideacional
	não-volitiva	volitiva
	localizada no mundo físico	localizada no mundo social
	não-locutória	locutória

Concluindo, do trabalho de Du Bois é importante ressaltar que o universo físico, objetivo “de fora” e o universo lingüístico-cognitivo “de dentro” são mediados através da linguagem. Isso pode ser observado nos quadrinhos da seguinte forma:

- a) os sons não-verbais do mundo que nos rodeia são retratados por uma série de letras cujos sons resultam em seqüências que se aproximam

em maior ou menor escala das combinações permitidas pelo sistema fonológico da língua em questão. Em outras palavras, os sons não-verbais do mundo que nos rodeia são filtrados através da paleta sonora da língua em questão;

- b) essas seqüências, oriundas do mundo “de fora”, freqüentemente emigram para dentro do balão, passando a constituir linguagem verbal;
- c) itens lexicais regulares, por sua vez, podem ser transformados em sons não-verbais, em linguagem não locutória, quando o cartunista usa o léxico como se fosse onomatopéia, transportando assim o mundo lingüístico para o mundo físico de ações e acontecimentos.

Esse entrecruzamento dos mundos externo, de um lado, e interno, de outro, através da linguagem, é de especial importância não só para o estudo de uma língua no contexto de *cartoons* e histórias em quadrinhos, mas também para o estudo da linguagem expressiva, de uma maneira geral, na fala cotidiana. Da mesma forma que o cartunista importa a onomatopéia para dentro do balão com certa finalidade, também o falante recorre ao uso de seqüências onomatopaicas não-lexicais ou quase-lexicais para organizar e construir o discurso de maneira específica. Nesse sentido, tanto o falante como o cartunista usam a linguagem para explorar e reduzir a fronteira entre o mundo exterior, objetivo, “de fora” e o mundo interior, lingüístico-cognitivo “de dentro”. Os exemplos a seguir ilustram o entrecruzamento de fora para dentro do balão, bem como a semelhança funcional desempenhada por esses dois tipos de linguagem expressiva: a onomatopéia e o discurso direto.

#### 4

Uma comparação entre as funções normalmente atribuídas ao DD, em (1), e as propriedades exibidas por seqüências onomatopaicas, segundo Du Bois (1986), em (7), revela semelhanças interessantes. A mais óbvia é que o uso dessas construções pretende emprestar ao relato em andamento uma característica “realística”, factual, ainda que imitativa, teatral ou representacional. Assim, de um lado, o DD pretende reproduzir ou demonstrar em vez de descrever e, de outro, a onomatopéia nomeia em vez de significar. Outra semelhança entre essas construções é que, em ambas, o discurso passa a ser caracterizado como discurso de outro (ou de algo). Nas palavras de Volosinov (1973), o texto resultante

apresenta uma sucessão de vozes distintas da voz do falante. Em oposição à monofonia, esse aspecto polifônico, por sua vez, tem o efeito de desenfatizar a natureza volitiva do discurso, realçando o aspecto não-volitivo que, em parte, essas construções emprestam ao relato em andamento. Tanto a onomatopéia quanto o DD trabalham ainda o lado expressivo do comportamento verbal: o DD codificando aspectos entoacionais, dialetais e discursivos da linguagem em interação e a onomatopéia, as modulações sonoras dos ruídos e ações assim representados (por exemplo, força, duração, intensidade, velocidade).

Outra semelhança entre, de um lado, a onomatopéia e, de outro, o DD está no comportamento extragramatical que essas duas construções exibem em certos contextos lingüísticos. Conforme observa Du Bois, verbos usados fora do balão não apresentam comportamento gramatical próprio dessa classe de palavras. Essa perda das propriedades gramaticais de uma determinada seqüência lingüística pode também ser verificada com relação ao DD.<sup>10</sup> Acredita-se que o DD admite, de uma maneira geral, uma paráfrase para discurso indireto, daí o rótulo discurso *direto*, em oposição a *indireto*. Nesse sentido, Ross (no prelo) observa que o DD não ocorre em todos os subcontextos sintáticos em que o discurso indireto ocorre. Partindo do pressuposto de que o DD ocorre como complemento pós-verbal de verbos transitivos como “dizer”, “falar” etc. Ross observa que, enquanto a passivização de (8a) e (9a), a seguir, é possível, a passivização de (10a), por sua vez, resulta numa construção agramatical:

- (8a) Os professores disseram muitas coisas nessa reunião.
- (8b) Muitas coisas foram ditas pelos professores nessa reunião.
- (9a) Os professores disseram nessa reunião que não há política educacional no país.
- (9b) Que não há política educacional no país foi dito pelos professores nessa reunião.
- (10a) Os professores disseram “Não há política educacional no país!”.
- (10b) \* “Não há política educacional no país!” foi dito pelos professores.

---

10 Cf. Banfield (1973), Goffman (1981), Ross (1979), para uma discussão de processos sintáticos bloqueados por vários tipos de linguagem expressiva como: formas expletivas, exclamativas, vocativas, reduplicadas, certos marcadores discursivos etc., ou seja, seqüências caracterizadoras da linguagem em interação. A complexidade desse fenômeno merece um estudo mais cuidadoso e detalhado do que o que aqui apresento brevemente.

Outros contextos em que o esperado paralelismo sintático não se verifica incluem:

- *Topicalização*

(11a) Que não há política educacional no país os professores nunca disseram.

(11b) \*"Não há política educacional no país!" os professores nunca disseram.

- *Deslocamento para a Esquerda*

(12a) Que não há política educacional no país os professores nunca afirmaram isso.

(12b) \*"Não há política educacional no país!" os professores nunca afirmaram isso.

- *Alçamento de Objeto ('Tough' Movement)*

(13a) Que não há política educacional no país foi difícil explicar.

(13b) \*"Não há política educacional no país!" foi difícil explicar.

Uma outra regra, que não envolve movimento para o início da oração, é a *Elipse Verbal (Gapping)*. Enquanto a *Elipse Verbal* é possível no contexto de sentenças introduzida pelo marcador oracional "que", ela não é possível ao anteceder construções em DD:

- *Elipse verbal (Gapping)*

(14a) Eu pensei que ele estava doente e ela que ele estava cansado.

(14b) \*Eu pensei "Ele tá doente" e ela "Ele tá cansado".

Da mesma forma, quando o complemento de um verbo transitivo é uma expressão onomatopaica, regras como passivização, topicalização e alçamento de objeto são bloqueadas:

- *Passivização*

(15a) O grande relógio da sala marcava "tic-tac, tic-tac".

(15b) \*"Tic-tac, tic-tac" era marcado pelo grande relógio da sala.

- *Topicalização*

(16a) O relógio da igreja fez "bong, bing, bong".

(16b) \*"Bong, bing, bong" o relógio da igreja fez.

- Alçamento do Objeto

(17a) É difícil imaginar esse menino fazendo “buéé, buéé”.

(17b) \*“(Buéé, buéé)” é difícil imaginar esse menino fazendo.

Também a Elipse Verbal apresenta problemas. O símbolo  $\geq$  nos exemplos a seguir é usado para indicar que (18) é melhor do que (19), que por sua vez é melhor do que (20). Ou seja, à medida que o complemento que antecede a elipse se torna mais onomatopaico, pior é a oração resultante.

(18) Eu ouvi um grito e ela um barulho estranho do lado de fora da porta.  $\geq$

(19) Eu ouvi um zumbido e ela um miado do lado de fora da porta.  $\geq$

(20) Eu ouvi um “aaai” e ela um “uuui” do lado de fora da porta.

Em conclusão, tanto o DD quanto a onomatopéia apresentam comportamento gramatical que reflete um menor grau de incorporação dessas construções ao sistema lingüístico em questão.

Outra semelhança gramatical entre vários tipos de linguagem expressiva – do DD até onomatopéias lexicais e não-lexicais, passando por um conjunto de várias outras expressões discursivas (cf. nota 10) – é sinalizada em algumas línguas, como yucatec, por exemplo, através de morfologia específica. Em yucatec, conforme observa Lucy (1993), o morfema *ki-* é usado não só para marcar o DD, mas também seqüências não-proposicionais de vários tipos como gritos, sons produzidos por animais e onomatopéias significativas – por exemplo, *aii kih*, usado para indicar o barulho de um prego rinchando. O mesmo morfema *kih*<sup>11</sup> ocorre ainda para indicar comportamento não-verbal, como gestos e expressões faciais – assim o falante, por exemplo, produz um determinado gesto e logo a seguir diz *kih* (Lucy, 1993, p.92). Yucatec, portanto, oferece evidência morfológica de que o contínuo entre, o DD direto, de um lado, e, de outro, seqüências onomatopaicas não lexicais pode ser estendido para abranger inclusive gestos.

Dadas as semelhanças funcionais e gramaticais aqui apontadas entre o DD e a onomatopéia, gostaria de revisar a estratégia discursiva proposta em (2) para incluir seqüências onomatopaicas. O termo *mimético* compreende aqui construções em DD e seqüências onomatopaicas:

---

11 *Kih* é variante de *ki*, e indica terceira pessoa do singular “ele ou ela disse”.

- (21) Expressões miméticas são usadas sistematicamente no discurso para marcar seqüências geralmente não contíguas, criando dessa forma uma relação específica de dependência ou complementação entre trechos assim codificados no discurso.

Em outras palavras, se uma determinada seqüência no discurso for codificada por uma expressão mimética, então o mesmo tipo de expressão mimética será usado subseqüentemente, na codificação de trechos decorrentes ou relacionados à seqüência inicial. Os exemplos que se seguem ilustram a estratégia discursiva proposta em (21), ao mesmo tempo que enfatizam a natureza expressiva do DD ao co-ocorrer com a onomatopéia e mesmo com gestos significativos – exemplo, (22), linha 42 – no discurso oral.<sup>12</sup>

## 5

Considere (22), a seguir. Nesse trecho, o falante chega ao desfecho da história: um grande beliscão que levou de uma freira, quando ela ainda era adolescente. Como fazia habitualmente, a freira tinha ido à casa de seu pai para pedir doações para o colégio.

(Cada linha numerada na transcrição que se segue corresponde a uma unidade oracional. Os trechos em DD estão em **negrito**. Material entre parênteses () constitui fala ou alguma reação do ouvinte. Material sublinhado indica ênfase. Repetição de vogal indica alongamento da sílaba em que a vogal ocorre.)

(22)

- 1 (...) Ai a madre foi bateu o olho na Santa Ceia assim
- 2 já tinha ganho uma porção de coisa ali/ (Risos)
- 3 cadeira giratóooria/
- 4 cadeira giratória que era do escritório dele
- 5 a mesinha do escritório com a cadeira giratória
- 6 tudo deu pra irmã.
- 7 (...) Ai na hora que ela bateu o olho assim na/ na Santa Ceia
- 8 ela vira pro papai
- 9 e fala assim

---

12 Não seria de se surpreender, portanto, se o uso sistemático de videocassete na coleta de dados vier a demonstrar uma maior incidência de gestos no contexto da linguagem expressiva, especialmente no contexto do discurso direto.

- 10 **"Ô seu Tenuta//, e essa Santa Ceia?**  
11 **O senhor num vai me/ o senhor num vai oferecer pro colégio essa Santa Ceia?"/** (Risos)  
12 Hora que ela falou assim "Pronto!"  
13 Papai falou assim  
14 **"Pois não irmã, com muito prazer, eu mando levar pra senhora."**  
15 Santa Ceia de mamãe que ele mandou  
16 embalar  
17 pra mandar pra mamãe.  
18 Ele ele falo/ ele num negou pra irmã. (Hum Hum)  
19 ele ia dar pra irmã  
20 como deu ne?  
21 E eu virei pra irmã,  
22 eu/ perto do papai falei assim  
23 **"Ô irmã/ hu hu a senhora já ganhou tanta coisa aqui (Risos)**  
24 **papai já deu muita coisa pra senhora**  
25 **já assinou no livro de ouro**  
26 **já deu** isso,  
27 **já deu** aquilo"  
28 enfilerei de coisa  
29 que tinha que papai tinha dado nessa hora  
30 **"e a senhora ainda quer a Santa Ceia**  
31 **que é de mamãe?**  
32 **Essa Santa Ceia não.**  
33 **Essa Santa Ceia ai vai pra Belo Horizonte.**  
34 **Essa Santa Ceia é de mamãe.**  
35 **Ela pediu**  
36 **pra não deixar.**  
37 **Essa Santa Ceia num essa Santa Ceia não pode não,/Sabe?(Humhum)**  
38 Papai num falou nada comigo  
39 só me olhou assim  
40 Ele/ aí ela falou assim  
41 **"Não, essa Santa Ceia seu pai já me deu me deu, menina**  
42 **Olha aqui"** [gesto de beliscão]  
43 torceu meu braço (QUE ISSO? (Risos))  
44 Um beliscão duuuro aqui em mim/ torcido  
45 falou pra mim assim  
46 **"Menina, você/ seu pai num é pão-duro**  
47 **você é meia pão-dura, né menina?**  
48 **Seu pai num é pão-duro assim como você."**  
49 torceu meu braço assim na frente dela  
50 que eu dei um grito sabe?/ (Risos)  
51 Falei **"Ai meu braço!"**  
52 Gritei com ela ainda (Risos)

53 E papai/ na vista/ tudo isso na vista de papai  
54 e ele ficou quieto menina  
(...)  
55 Madre Cirrute/ ela já morreu  
56 me deu um beliscão aqui  
57 de torcer meu braço.

Observe-se que o DD só ocorre nessa narrativa quando o narrador dá início ao desfecho da história. Depois de ter feito vários pedidos e ganho várias coisas, a freira faz mais um pedido – linhas 10-11 – que o narrador considera abusivo. Tanto o pedido, feito em forma de pergunta, quanto a resposta a esse pedido – linha 14 – são codificados em DD. As alterações que se seguem entre o narrador e a freira, em consequência das linhas 10-11 e 14, ocorrem todas em DD: linhas 23-27, 30-37 protesto do narrador; linhas 41-42, e 46-48 – reação da freira ao protesto e linha 51 reação final do narrador. A complementação ou continuidade entre essa série de orações pode ser observada mais diretamente se eliminarmos a maioria dos trechos não codificados em DD:

(23)

10 (...) “Ô seu Tenuta//, e essa Santa Ceia?  
11 **O senhor num vai me/ o senhor num vai oferecer pro colégio essa Santa Ceia?”/ (Risos)**  
(...)  
14 “Pois não irmã, com muito prazer, eu **mando levar pra senhora.**”  
(...)  
23 **“Ô irmã/ hu hu a senhora já ganhou tanta coisa aqui** (Riso)  
24 **papai já deu muita coisa pra senhora**  
25 **já assinou no livro de ouro**  
26 **já deu** isso,  
27 **já deu** aquilo”  
28 enfileirei de coisa  
29 que tinha que papai tinha dado nessa hora  
30 **“e a senhora ainda quer a Santa Ceia**  
31 **que é de mamãe?**  
32 **Essa Santa Ceia não.**  
33 **Essa Santa Ceia ai vai pra Belo Horizonte.**  
34 **Essa Santa Ceia é de mamãe.**  
35 **Ela pediu**  
36 **pra não deixar.**  
37 **Essa Santa Ceia num essa Santa Ceia não pode não,/ Sabe?** (Hum hum)  
(...)

- 41 **“Não, essa Santa Ceia seu pai já me deu me deu, menina**  
 42 **Olha aqui”** [gesto de beliscão]  
 (...)
   
46 **“Menina, você/ seu pai num é pão-duro**  
 47 **você é meia pão-dura, né menina?**  
 48 **Seu pai num é pão-duro assim como você”**  
 (...)
   
51 Falei **“Ai meu braço!”**

Observe-se ainda que nas linhas 28 e 29 o narrador interrompe o DD quando o que se segue não é pertinente à seqüência que vinha sendo narrada em DD: nesse trecho não são os objetos em si que são relevantes, mas o fato dela já ter ganho, só naquele momento, várias coisas. A transição gradual de DD para discurso indireto é feita, por sua vez, através do uso do que Tannen (1989) denomina “referentes vagos ou não específicos”, isto é, expressões como isso e/ou aquilo – linhas 26 e 27: “já deu isso, já deu aquilo”- pragmaticamente agramaticais nesse tipo de confrontação face a face. É exatamente através da listagem exaustiva dos objetos doados que o narrador, na realidade, confronta a freira. Nessas situações, o uso de expressões contendo referentes vagos ou não-específicos é evitado por estes não possuírem a força pragmática de uma listagem exaustiva. Assim, Tannen observa que a seguinte seqüência é pragmaticamente impossível em inglês:

(Falante criticando o pai pelo hábito de lhe dar ordens em público.)

He was sending me out to get tools or whatever

Ele ficava me mandando ir lá apanhar ferramentas ou coisas do tipo

→ [imitating father] “Go get this

→ [imitando o pai ] “Vai pegar isso

→ and it looks like this and the other”

→ e (isso) parece assim e assado” (apud Tannen 1989, p.118)

Tannen conclui que o uso dessas expressões – “get this” (pegar isso), “looks like this and the other” (parece assim e assado) – não seria suficiente nem mesmo para o próprio pai encontrar os objetos de que precisava, quanto menos a filha.<sup>13</sup> A ocorrência de isso/aquilo nas linhas 26 e 27 em (22) ou (23), dentro de uma unidade em DD, indica transição gradual para o discurso indireto, transição essa motivada pela necessidade de se reservar o DD para o desfecho ou partes diretamente ligadas ao desfecho da história. Como Lucy observa para as narrativas orais em

13 Isso, por sua vez, reforça o argumento que Tannen desenvolve em seu trabalho, de que o DD não é bem uma citação, mas, em grande parte, uma (re)construção do que foi dito.

yucatec, o DD é reservado: “para marcar os elementos cruciais do enredo e os temas centrais da narrativa...” que vem sendo construída.<sup>14</sup>

Observe-se ainda que o falante retoma imediatamente o formato de DD na linha 30 não só por razões de ordem pragmática, mas também por questões sintáticas e prosódicas, que têm a ver com a estrutura e entoação do período iniciado na linha 23. A seqüência (NP) já V (NP) e (NP) ainda V (NP), como em

*a senhora já ganhou tanta coisa aqui (...)  
e a senhora ainda quer a Santa Ceia que é de mamãe?*

forma uma unidade com entoação específica marcando as duas metades da construção: entoação ascendente no final do primeiro segmento, indicando continuidade, por exemplo,

*a senhora já ganhou tanta coisa aqui*

e entoação ascendente, tipo pergunta, no final do segundo segmento, marcando o término do enunciado, por exemplo,

*e a senhora ainda quer a Santa Ceia que é de mamãe?*

A entoação ascendente e o tom alto de ambas as metades carregam ainda comunicação afetiva de espanto e/ou indignação. Codificar somente a primeira metade dessa seqüência em DD e a segunda metade em discurso indireto seria violar não só a estratégia discursiva proposta em (21), mas também quebrar uma unidade sintática e prosódica. O resultado seria algo como (24), a seguir, em que as linhas 30 e 31, ao serem convertidas para o discurso indireto, perdem sua força coesiva, pois deixam de rimar sintática e prosodicamente com as linhas 23-27.<sup>15</sup>

(24)

23 “Ô irmã/ hu hu a senhora já ganhou tanta coisa aqui  
24 papai já deu muita coisa pra senhora  
25 já assinou no livro de ouro  
26 já deu isso,  
27 já deu aquilo  
28 enfileirei de coisa

14 No original: “to mark the crucial elements of the plot and the key themes of the narrative as a whole” (Lucy, 1993, p.116).

15 É interessante observar que o mesmo acontece ao se tentar traduzir piadas, um registro calcado no DD, para o discurso indireto. Tanto o desfecho da piada como as seqüências que levam a esse desfecho ocorrem normalmente em DD. Perde-se totalmente o humor ao se tentar converter o DD para o discurso indireto nesse registro.

- 29 que tinha que papai tinha dado nessa hora  
→ 30 e perguntei se ela ainda queria a Santa Ceia  
→ 31 que era de mamãe.

As reações da freira que se seguem à acusação e ao protesto veementemente da menina, nas linhas 23-37, são todas codificadas em DD. Note-se ainda que, na impossibilidade de se manter o discurso direto para codificar um comportamento não-verbal como o beliscão da freira, o falante recorre ao uso da mais imitativa das expressões para o desfecho da história: o uso de gestos. O gesto do beliscão é introduzido na linha 42 por uma expressão catafórica apresentadora: "Olha aqui", co-ocorrendo com o DD nas linhas 46-47. A reação de protesto da menina ao beliscão, linha 51, também é codificada em DD, marcando o final da seqüência narrativa que leva ao desfecho da história.

Considere agora um exemplo que ilustra não só o uso do DD segundo a estratégia proposta em (21), mas também o uso do outro tipo de expressão mimética, isto é seqüências onomatopaicas. No trecho a seguir, o narrador conta a estória do que aconteceu a um viajante que tentou convencer seu pai, comerciante incrédulo e cabeçudo, a comprar xícaras de plástico inquebráveis:

(/ indica interrupção abrupta; reticências ... indicam pausa preenchida pela vogal da sílaba anterior. Material entre parênteses () constitui fala ou alguma reação do ouvinte. Onomatopéias e DD em **negrito.**)

(25)

- 1 Ah tem uma outra do papai também na loja/ é...mil mil novecentos é.. mil novecentos e/ quarenta mais ou menos na loja
- 2 quando us/ é é... as mercadorias a maioria delas eram importadas.
- 3 Tuudo até caneca de de de plástico de de baquelite de aquelas boneca de... (Celulóide.) Celuloide.
- 4 Era tudo importado.  
(...)
- 11 então o viajante chegou lá
- 12 e...e.. começou a falar assim
- 13 **"Seu Melchs/ eu vou provar ao senhor**
- 14 **que essa xi/ (Risos) xícara não quebra!"**
- 15 O papai **"Ahh/ é ...cês vem com esses negócio de../ invenção americana isso aí**
- 16 **que num quebra o quê!**
- 17 **O o outro viajante que teve aí**
- 18 **eu jo/ joguei o copo no chão**
- 19 **o copo rachou."**

- 20 que era plástico né?  
 21 **"Não, mas essa aqui seu Melchs não quebra!**  
 22 **O Senhor quer**  
 23 **ver?"**
- 24 Pegou a xícara **chaaaa**  
 25 tampou no chão  
 26 a xícara saiu pulando/no cimento assim  
 27 não quebrou.  
 28 O o papai olhou  
 29 falou assim "Êe!"  
 30 **"E o senhor pode botar água fervendo!**  
 31 **Arranja uma chaleira**  
 32 **e põe água fervendo na xícara**  
 33 **que o senhor vai vê**  
 34 **se racha!"**  
 35 O papai foi lá  
 36 mandou a Halaerce/  
 37 ir lá na Edith  
 38 apanhar uma chaleira de água fervendo né? (Risos)  
 39 A (Risos) Halaerce vem com a chaleira de água fervendo  
 40 [imitando a Halaerce com voz receosa e amedrontada] **"Aqui Tio Mi-**  
 41 **quinho aqui aqui a a...água."** (Risos)
- 41 Papai botou *chiii*  
 42 despejou/a água fervendo na xícara...  
 43 **"Uai, nué que o negócio num racha mesmo!?"**  
 44 **Mas aqui/ escuta aqui**  
 45 **eu posso jogar essa xícara no chão?"**  
 46 **"Pode jogar."**
- 47 O papai (Risos) com toda força *piiim*  
 → 48 a xícara saiu pulando  
 49 não quebrou.  
 50 **"Êé. Não./ Me dá aqui."**  
 51 Foi lá pra Edith// sabe? (Com a xícara)  
 (...)  
 56 foi lá pra casa da Edith  
 57 e disse  
 58 **"Edith me dá uma brasa aí!"** (Risos)  
 59 A Edith veio com um toco de (Risos) um toco de lenha... o toco de lenha  
 aceso com a brasa  
 60 deu pra ele  
 61 ele soprou soprou  
 62 quando a br/ (Risos) a brasa tava vermelhinha  
 63 ele joga dentro da xícara

- 64 e sopra **fuuuu**. (Risos)  
 65 E sopra sopra a a brasa na xícara  
 66 aí a a xícara queimou.  
 (...)  
 73 Chegou lá pro viajante  
 74 **"Aqui ó! O Senhor falou**  
 75 **que num coisa aqui ó!"** (Risos)  
 76 O viajante olhou pra dentro da xícara  
 77 e virou assim  
 78 **"Mas que qui o senhor colocou aqui dentr/ (Risos) Que qui o se-**  
**nhor colocou aqui dentro da xícara?"**  
 79 *Aí ele falou*  
 80 **"Coloquei uma brasa!"**  
 81 *Aí ele falou*  
 82 **"O senhor por acaso bebe brasa? (Risos)**  
 83 **O senhor é muito ignorante!**  
 84 **O senhor é um grandessíssimo ignorante!**  
 85 **O senhor bebe brasa?"**  
 86 (*Ficou com raiva do papai*)  
 (...)  
 92 O papai teve de pagar a xícara.

Segundo a estratégia discursiva proposta em (21), se um tipo de expressão mimética, no caso uma seqüência onomatopaica, for usada inicialmente para codificar uma ação (ou evento), então ações semelhantes ou relacionadas também se apresentarão no texto subsequente em forma onomatopaica. Em (25), o narrador recorre sistematicamente à onomatopéia – linhas 24, 41, 47 e 64 – toda vez que o vendedor, ou o pai, tenta destruir a xícara. Primeiro o vendedor tenta quebrar a xícara jogando-a no chão: **chaaaa** linha 24, em seguida o pai tenta rachá-la com água fervendo: **chiii** linha 41. Na linha 47, a xícara é jogada novamente no chão: **piiim** e, finalmente, na linha 64, o pai tenta furar a xícara, soprando uma brasa incandescente: **fuuuu**.

Além disso, observe-se que as onomatopéias marcam o desfecho final de cada segmento em que se tenta quebrar a xícara. Em cada um desses segmentos as onomatopéias são precedidas por uma série de orações em DD que culminam na ação codificada pela onomatopéia. Cada onomatopéia, por sua vez, é recodificada sistematicamente por uma expressão ou item lexical que ocorre, nesse exemplo, imediatamente depois da seqüência onomatopaica, finalizando cada segmento: "tampou no chão" recodifica (chaaa), "despejou" recodifica (chiii), "saiu pulando" recodifica (piiim) e "sopra" recodifica (fuuuu). Repito os tre-

chos relevantes do exemplo acima em (25a), a seguir, para a conveniência do leitor:

(25a)

- Primeiro segmento: O vendedor tenta quebrar a xícara.

13 (...) **"Seu Melchs/ eu vou provar ao senhor**  
14 **que essa xi/ (Riso) xícara não quebra!"**  
15 O papai **"Ahh/ é ...cês vem com esses negócio de../ invenção americana isso aí**  
16 **que num quebra o quê!**  
17 **O o outro viajante que teve aí**  
18 **eu jo/ joguei o copo no chão**  
19 **o copo rachou.**  
20 que era plástico né?  
21 **"Não, mas essa aqui seu Melchs não quebra!**  
22 **O Senhor quer**  
23 **ver?"**

- 24 Pegou a xícara **chaaaa**
- 25 tampou no chão
- 26 a xícara saiu pulando/ no cimento assim
- 27 não quebrou.

- Segundo segmento: O pai tenta rachar a xícara.

28 O o papai olhou  
29 falou assim **"Ée!"**  
30 **"E o senhor pode botar água fervendo!"**  
31 **Arranja uma chaleira**  
32 **e põe água fervendo na xícara**  
33 **que o senhor vai ve**  
34 se racha!"  
(...)  
40 [imitando a Halaerce com voz receosa e amedrontada] **"Aqui Tio Mi-quinho aqui aqui a a a...água."** (Risos)

- 41 Papai botou **chiiii**
- 42 despejou/ a água fervendo na xícara...

- Terceiro segmento: O pai joga a xícara no chão.

43 **"Uai, nué que o negócio num racha mesmo?"**  
44 **Mas aqui/ escuta aqui**  
45 **eu posso jogar essa xícara no chão?"**  
46 **"Pode jogar."**

→ 47 O papai (Laughter) com toda força **piiiim**

→ 48 a xícara saiu pulando

49 não quebrou.

• Quarto segmento: O pai queima a xícara.

50 "**Éé. Não./ Me dá aqui.**"

(...)

58 "**Edith me dá uma brasa aí!**" (Risos)

59 A Edith veio com um toco de (Risos) um toco de lenha... o toco de lenha aceso com a brasa

(...)

63 ele joga dentro da xícara

→ 64 e sopra **fuuuu**. (Risos)

→ 65 E sopra sopra a a brasa na xícara

66 aí a a xícara queimou.

A mesma sistematicidade no uso de seqüências onomatopaicas pode ser observada também para o inglês. O exemplo a seguir é parte de uma estória na qual o narrador e seu amigo de infância resolvem roubar gasolina dos carros na rua. No trecho transcrito em (26), eles estão sendo perseguidos por um bando de adolescentes:<sup>16</sup>

(26)

- |  |  |
|--|--|
| 1) (...) I was cutting though people's back yard and stuff | 1) (...) Eu tava cortando caminho pelo quintal das casas das pessoas |
| 2) and/ back them days they didn't have too many fences    | 2) e/ naquela época ninguém tinha cerca.                             |
| 3) I cut through one yard                                  | 3) Eu passei por um quintal  |
| 4) and in the back it was just pitch-black                 | 4) e nos fundos do quintal estava um breu de escuro                  |
| 5) I was moving I was I was moving fast/                   | 5) Eu tava correndo eu tava eu tava correndo mutio depressa/         |
| 6) barely touching the ground                              | 6) quase nem encostando no chão                                      |
| → 7) I lo and behold <b>waaaahhhiiiiing</b> .              | 7) E aí não é que <b>waaaahhhiiiiing</b> .                           |
| 8) I hit a clothesline.                                    | 8) Eu bati num varal de roupa.                                       |
| 9) You can't see them in the back in the people's backyard | 9) Você não consegue ver varal de roupa no fundo de um quintal       |

16 Esse exemplo foi retirado de uma gravação feita por Linda Lewis, aluna de graduação da Universidade do Norte do Texas. A ela, meus agradecimentos.

10) it stretched my/ it hit me about the shoulders	10) esticou meu/ bateu na altura do meu ombro
11) stretched around my neck	11) pegou no meu pescoço
12) took my feet right off the ground	12) e me suspendeu tirou meu pé do chão
13) I mean ah that that that clothesline stretched <b>wheeeeing</b>	13) Ah aquele varal <b>esticou wheeeeing</b>
→ 14) when I hit the ground <b>blop!</b>	14) quando eu cai no chão <b>blop!</b>
15) when I sss/ man, dang near broke my neck	15) quando eu/ cara quase quebrou meu pescoço.
16) I was so disoriented	16) Eu fiquei desorientado
(...)	(...)
21) and I heard Mark Pauley my next door neighbor	21) e eu ouvi o Mark Pauley meu vizinho
22) here he come	22) lá vinha ele
23) he was running too	23) correndo também
(...)	(...)
27) Next thing you know	27) De repente
→ 28) I heard <b>wheeeeing</b>	28) eu ouvi <b>wheeeeing</b>
29) I hollered	29) Eu gritei
30) "Mark, Mark, Mark lookout for/ lookout."	30) "Mark, Mark, Mark cuidado com/ cuidado."
31) It was too late.	31) Tarde demais.
→ 32) He hit the ground <b>blommmm!</b> (Risos)	32) Ele caiu no chão <b>blommmm!</b> (Risos)
(...)	(...)
36) and here come these guys from the high schoolers	36) e aí vêm aqueles caras adolescentes do ginásio.
37) They were chasing us.	37) Eles estavam atrás da gente.
38) They were running full speed.	38) Eles estavam correndo a mil.
39) All I heard <b>wheeeeeeeeing</b> .	39) Eu só ouvi <b>wheeeeeeeeing</b> .
40) Boy they/ got them	40) Cara eles/(o varal) pegou eles
→ 41) I heard <b>blaaam!</b>	41) eu só ouvi <b>blaaam!</b>
42) Well, I stayed there for about thirty minutes	42) Bom, eu fiquei ali mais ou menos trinta minutos
43) underneath that fig tree	43) debaixo daquele pé de figo
44) pitch black couldn't see nothing	44) um breu de escuro não via nada
(...)	(...)

Tanto o encontro em velocidade com o varal de roupa – **wheeeeeing** – do narrador, de seu amigo e dos adolescentes que os perseguiam (linhas 7, 28 e 39) quanto os tombos resultantes – **blöp**, **blommm** e **blaaam** (linhas 14, 32 e 41 respectivamente) são codificados por seqüências onomatopaicas. Como no exemplo (25) em português, as onomatopéias no exemplo (26), em inglês, marcam o clímax e o desfecho final de três segmentos narrativos distintos:

a) o encontro – linhas 7 e 13 – e o tombo do narrador – linha 14:

- |   |   |   |
|---|---|---|
| → | 7) I lo and behold <b>waaaahhhhiing</b> .                 | 7) E aí não é que <b>waaaahhhhiing</b> .      |
|   | 8) I hit a clothesline.                                   | 8) Eu bati num varal de roupa.                |
|   | (...)   | (...)   |
| → | 13) I mean ah that that clothesline s'cretched wheeeeeing | 13) Ah aquele varal esticou wheeeeeing        |
| → | 14) when I hit the ground <b>blöp!</b>                    | 14) quando eu caí no chão <b>blöp!</b>        |
|   | 15) when I sss/man, dang nearbroke my neck                | 15) quando eu/ cara quase quebrou meu pescoço |

b) o encontro – linha 28 – e o tombo do amigo – linha 32:

- |   |  |   |
|---|--|---|
|   | (...)  | (...)   |
|   | 27) Next thing you know                            | 27) De repente                                    |
| → | 28) I heard <b>wheeeeeing</b>                      | 28) eu ouvi <b>wheeeeeing</b>                     |
|   | 29) I hollered                                     | 29) Eu gritei                                     |
|   | 30) "Mark, Mark, Mark lookoutfor/lookout."         | 30) "Mark, Mark, Mark cuidado com/ cuidado."      |
|   | 31) It was too late.                               | 31) Tarde demais.                                 |
| → | 32) He hit the ground <b>bloomm!</b> (Ris-<br>sos) | 32) Ele caiu no chão <b>bloomm!</b> (Ris-<br>sos) |

c) e finalmente o encontro – linha 39 – e o tombo dos adolescentes – linha 41:

- |   |   |   |
|---|---|---|
|   | 36) and here come these guys from the high schoolers. | 36) e aí vêm aqueles caras adolescentes do ginásio. |
|   | 37) They were chasing us.                             | 37) Eles estavam atrás da gente.                    |
|   | 38) They were running full speed.                     | 38) Eles estavam correndo a mil.                    |
| → | 39) All I heard <b>wheeeeeeing</b> .                  | 39) Eu só ouvi <b>wheeeeeeing</b> .                 |
|   | 40) Boy they/ got them                                | 40) Cara eles/ (o varal) pegou eles                 |
| → | 41) I heard <b>blaaam!</b>                            | 41) eu só ouvi <b>blaaam!</b>                       |
|   | 42) Well, I stayed there for about thirty minutes     | 42) Bom, eu fiquei ali mais ou menos trinta minutos |

A sistematicidade no uso dessas seqüências e a força coesiva que estas exercem nos textos em (25) e (26) podem ser comparadas ao uso sistemático que normalmente se faz de itens lexicais regulares na construção da coesão em um texto. A distribuição e escolha do mesmo item lexical, de itens lexicais semelhantes ou sinônimos e de itens lexicais diferentes são estratégias sem as quais torna-se impossível manter o fluxo informacional entre segmentos não-contíguos num texto. Da mesma forma, o uso sistemático de seqüências onomatopaicas na fala cotidiana – sejam elas seqüências semelhantes como “wheeeeing” e “blop, blommmm e blaaam” em (26), ou distintas, como “chaaa, piiiim, fuuu” em (25) – revela a mesma preocupação em concatenar o discurso de maneira específica. A diferença entre o uso de itens lexicais regulares e o uso de onomatopéias não-lexicais está no fato de esta última constituir, como o discurso direto, uma seqüência marcada, “de fora”, extragramatical. Ou seja, uma seqüência que, além de concatenar e estruturar o discurso, salienta os eventos que constituem o clímax ou desfecho da narração.

## 6

Este trabalho buscou mostrar que o DD deve ser estudado como parte do conjunto de expressões numa língua usadas para ressaltar o lado *expressivo* e não *proposicional* do enunciado.

Do conjunto de formas que caracterizam a linguagem verbal expressiva, partículas expletivas, exclamativas, marcadores discursivos de vários tipos, vocativos, contornos entoacionais, qualidade de voz, diferenças dialetais etc., a onomatopéia é a mais transparente dessas formas, uma vez que pretende imitar ou ilustrar diretamente, em vez de significar. Essa qualidade ilustradora ou expressiva de seqüências onomatopaicas pode ser observada claramente ao se comparar as seqüências que ocorrem dentro e fora do balão em estórias em quadrinhos. Nesse contexto, fica claro que é perfeitamente possível emprestar a itens lexicais regulares, não-onomatopaicos, a força expressiva de uma onomatopéia. Da mesma forma, é também possível revestir uma oração, ou conjunto de orações, de força expressiva semelhante, ao usá-las em construções em DD. Assim, se a onomatopéia ilustra ou nomeia, em vez de significar, o DD reproduz ou demonstra, em vez de descrever. Ao adquirirem força expressiva, tanto o DD quanto seqüências onomatopaicas perdem, no entanto, em expressão gramatical. Nesses casos, como diria

Du Bois, a linguagem não está necessariamente nem dentro nem fora do balão lingüístico, mas à margem desse sistema.

Quando enunciados lingüísticos são revestidos de características tão curiosas ou peculiares, não é de surpreender que sua ocorrência no discurso constitua uma seqüência marcada. Assim, quando o cartunista usa um item lexical regular fora do balão como onomatopéia não-lexical, esse uso em si tem conseqüências humorísticas. Da mesma forma, quando o falante altera a prosódia e a sintaxe da sua voz para incluir a voz de outos(s), sua fala passa, por definição, a sobressair do resto do discurso. Esse aspecto marcante de seqüências onomatopaicas e de construções em DD permite, por sua vez, que elas desempenhem uma função coesiva de longo alcance no texto, mantendo o fluxo informacional entre trechos não-contíguos, separados, na verdade, por longos intervalos de texto.

A descrição de outras estratégias discursivas de longo alcance em operação no texto oral, a relação que elas possam vir a ter com o lado expressivo da linguagem em interação e, finalmente, as conseqüências, para a gramática de uma língua, da existência de linguagem só parcialmente integrada ao sistema lingüístico são algumas das questões que este trabalho pretende levantar para uma pesquisa futura.

DUTRA, R. The direct speech and the onomatopoeia: the verbal mimic in everyday speech. *Alfa (São Paulo)*, v.41, n.esp., p.141-169, 1997.

- **ABSTRACT:** *This article examines some functional and grammatical properties of what has been referred to as expressive language in literature. I propose that complete sentences, or sets of sentences, used as direct speech, generally occur in everyday language as expressive language. A comparison with the most expressive of all utterances – namely onomatopoeia – shows that direct speeches share with onomatopoeic language similar grammatical and functional properties. As for the theoretic aspect, this study intends to raise the question related to the extent to which language can minimize its propositional content in favor of a more expressive force. A careful consideration of this question can indeed show that the propositional and the expressive aspects of language necessarily interact as equally important forces in the shaping of natural languages*
- **KEYWORDS:** *Onomatopoeia; direct speech; oral language.*

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1964.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.
- MELO, G. C. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- BANFIELD, A. Narrative style and direct and indirect speech. *Foundations of Language*, v.10, n.1, p.1-39, 1973.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Henry Holt and Co., 1958.
- CHAFE, W. *Discourse, Consciousness, and Time*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- CLARK, H. H., GERRIG, R. J. Quotations as demonstrations. *Language*, v.66, n.4, p.764-805, 1990.
- DU BOIS, J. W. The pragmatics of marginality: illocutionless language. CARTOON SEMIOTICS. UCLA COLLOQUIUM, April 18, 1986.
- GOFFMAN, E. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.
- LUCY, J. A. (Ed.) *Reflexive Language*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1993.
- MAYES, P. Quotation in spoken English. *Studies in Language*, v.14, n.2, p.325-63, 1990.
- PHILIPS, S. U. Reported speech as evidence in an American trial. In: TANNEN, D., ALATIS, J. E. (Ed.) *GURT'85 Language and Linguistics: The Independence of Theory, Data and Application*. Washington: Georgetown University Press, 1986. p.154-70.
- ROSS, J. R. *Search of the Sounder: Paper Presented at the Chicago Linguistic Society*. Parasession on the elements. Chicago, 1979. (Mimeogr.).
- \_\_\_\_\_. *The Forest Primeval Constraint*. (Em andamento).
- TANNEN, D. *Talking Voices*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- VOLOSINOV, V. N. *Marxism and the Philosophy of Language*. New York: Seminar Press, 1973.